OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

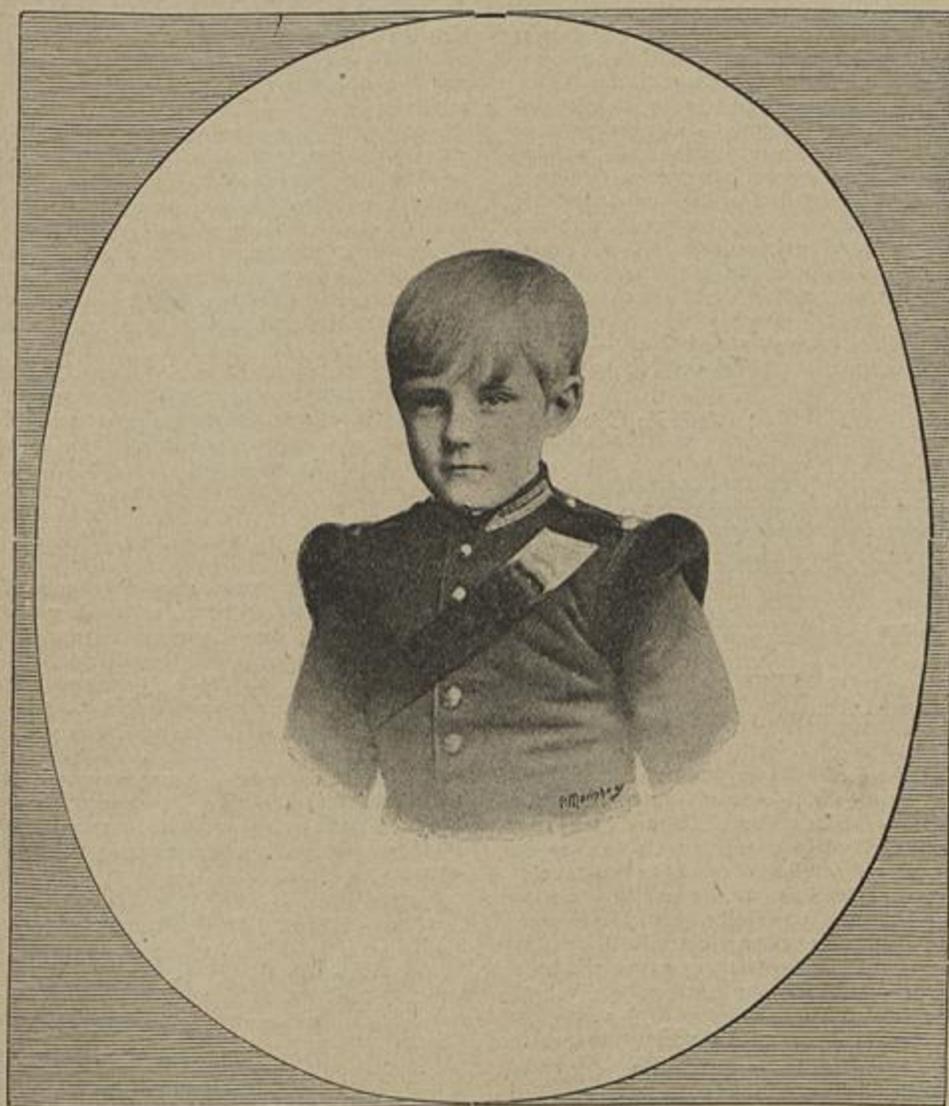
24.º Anno — XXIV Volume — N.º 801

30 DE MARÇO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. A. O PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE

O PRINCIPE REAL

Completou quatorze annos no dia 21 de março o Principe Real, D. Luiz de Bragança, filho primogenito do Sr. D. Carlos, Rei de Portugal.

Brevemente terá que prestar juramento perante as côrtes portuguezas, devendo esse dia ser considerado de gala em todo o reino.

Cedo lhe ensinam quanto é pesado o sceptro e quantas obrigações lhe impõe o cargo para que o destino o chamou desde o nascer.

Sua Alteza o Sr. D. Luiz de Bragança, na edade em que ás outras crianças ainda se lhes cuida em dourar os sonhos, vai brevemente com a mão sobre os Evangelhos, solemnemente, perante as côrtes reunidas, prestar o juramento imposto a todos os reis constitucionaes.

Pela sua intelligencia, pela sua precoce illustração, pela educação recebida, carinhosa e superior, Sua Alteza perceberá todo o valor do acto que vai praticar.

CHRONICA OCCIDENTAL

Disturbios no Porto se chamaram os primeiros symptomas, bolhas pequeninas de vapor, rebentando á superficie, e que mal prognosticavam a effervescencia que, passados mezes, haviamos de ver no paiz inteiro.

Estaremos em frente d'uma questão religiosa, a peor de todas? É a pergunta que se ouve constante.

O decreto de 10 de março, a resposta de El-rei á commissão do Porto, não bastaram para serenar os animos, cada vez mais exaltados. As discussões continuam accesas. Reunem-se os estudantes e nem sempre chegam a acordo; reune os seus mais dedicados amigos o sr. Patriarcha em S. Vicente, e cada vez mais complicada apparece a solução do problema.

Começara-se por um protesto contra certas congregações religiosas, falou-se de contemplativos e de educadores, da liberdade de cada um em sua casa, dos perigos d'essa liberdade, de decretos esquecidos e de leis revogadas, e a questão confusa emmaranha-se ainda mais, não ha duas opiniões conformes e de repente a possivel lucta religiosa apresenta-se ameaçadora.

São gravissimas as noticias vindas de Setubal, onde o povo resistiu á força armada, tendo esta descarregado as armas, ferindo bastantes e matando um homem. O commandante do destacamento de cavallaria ficou ferido com uma pedrada. Contra a egreja do Coração de Jesus, que, a essa hora, sete da tarde, estava cheia de gente, foram arremessadas muitas pedras, algumas das quaes, partindo os vidros, cahiram dentro do templo. Foi então que a tropa interveio, fazendo as descargas.

A lucta está travada em muitos paizes da Europa, não só nos catholicos.

Em Hespanha serenaram já bastante os animos, mas em França, ainda a questão continua debatida e sem solução que agrade a qualquer dos partidos extremos.

O republicano radical, sr. Bourgeois, combateu na camara dos deputados o ensino das congregações, approvando a camara por 393 votos contra 220 que o seu discurso fosse affixado. Alguns artigos do projecto de lei sobre associações teem levantado grande opposição, até entre os republicanos. O art. 14.º do projecto que mais discutido foi, obteve 318 votos contra 233.

Na Russia, segundo os ultimos telegrammas está restabelecido o socego. Um despacho de Varsovia diz terem sido enforcados cinco presos como auctores da conspiração contra a vida do chefe de policia. Em S. Petersburgo foi declarado o estado de sitio.

Quarenta e cinco dos mais notaveis escriptores russos, actualmente residentes na capital do vastissimo imperio, protestaram, perante a imprensa dos paizes extrangeiros, contra as brutalidades policiaes, terminando por pedir que fosse dada a maior publicidade á narração dos factos lamentaveis de que foram testemunhas.

A excommunhão do conde de Tolstoi, o grande escriptor russo, dos maiores da actualidade, causou formidavel indignação e foi, para usarmos d'uma frase velhissima agora muito a proposito, a faisca que lançou fogo á mina.

Tracta-se ainda, como se vê, d'um caso de lucta, tendo seu principio em assumpto religioso.

Tão descriptos hão sido os horrores da guerra civil, separando em campos oppostos as familias, que em comparação com elles esmorece quanto se possa carregar na discripção dos feios quadros das luctas com o estrangeiro, onde, ao menos, paes e filhos, irmãos e amigos, combatem por uma mesma bandeira, sentem os corações pulsando em unisono por um mesmo enthusiasmo, um odio identico.

Mais nos doe, sem querermos agora analysar razão ou virtude dos motivos, a morte d'um pobre pescador pela bala que lhe metteu no peito um soldado portuguez, possivelmente seu irmão, que os grandes morticinios na Africa do Sul, onde inglezes e boers, tão differentes no sangue, costumes e tradições, ha tantos mezes luctam encarniçados.

No vapor *Benguella* agora chegaram a Lisboa perto de setecentos refugiados, entre elles dois generaes com suas familias.

A maior parte d'esses infelizes vencidos foram para Alcobaça e Peniche, onde lhes foram preparados alojamentos. O general Pinard foi com sua familia para Thomar.

São em pequeno numero relativo os verdadeiros boers. Muitos d'esses combatentes, agora recolhidos em Portugal, são voluntarios de differentes nações, sobretudo allemães e hollandezes, que se haviam offerecido para combater na Africa do Sul.

Os refugiados que tinham familia só chegarão mais tarde, devendo embarcar no *Zaire*.

Alguns dos principaes refugiados offereceram ao sr. governador geral, general Gorjão um grupo photographico com uma dedicatoria, na qual agradecem a benevolencia e caridade com que foram tratados pelas auctoridades portuguezas.

Bom é que se saiba. Valha-nos a auctoridade de quem subscreve taes affirmações contra baixissimas calumnias espalhadas na Europa por inchados ignorantes ou traficantes vilissimos.

Dos tres maiores males considerados como podendo affligir a humanidade, muito de guerra se tem falado n'estes ultimos annos: guerra que ameaça, guerra que se declara, guerra que acabou e deixa a ameaça constante da desforra.

Que nos falta? A peste e a fome?

Tão terrivel como a peste, já chamaram a esse mal que nos vem ameaçando, á meningite-cerebro espinal.

Não nos assustemos entretanto. Os medicos vêem-se forçados a fallar alto, a carregar muita vez as côres para que todos cumpram o seu dever, para que as auctoridades, quanto possivel localisem o mal.

Segundo a opinião auctorisada de medicos de reputação os casos que appareceram em Lisboa são esporadicos, não se lhes devendo atribuir caracter epidemico.

No hospital da Estrella foram isolados seis soldados e dez pessoas no hospital de S. José, que se suppõem estejam atacados d'esta enfermidade.

Os casos teem sido benignos, citando-se apenas o d'uma rapariga de 13 annos, empregada na fabrica Grandella, na Alfarrobeira, em que se mostrou fulminante.

Peste e guerra. Só nos faltava a fome. Os lavradores já se queixavam muito; mas não ha dar-lhes credito: são aves agoureiras, que, felizmente para elles e para nós, muita vez se enganam.

O tempo melhorou. Março-marçagão quiz sustentar a alcunha. De manhã inverno, á tarde verão. Sorrisos e caretas. Mas como as caretas foram mais que os sorrisos, os rios encheram e os lavradores piaram como os mochos. De repente um dia mais frio... Era o vento norte que entrava em scena. Ora ainda bem.

Domingo de Paixão tivemos a primeira toirada. Felizes tinham sido os novos emprezarios, se a tivessem transferido para o dia seguinte. A tarde esteve desabrida e algum tanto chuvosa, o que impediu que a praça tivesse uma enchente.

Segunda feira, dia da Annunciação, o tempo esteve lindo e a companhia dos caminhos de ferro vendeu milhares de bilhetes para as linhas de cintura, de Cintra e de Cascaes.

Toiros no Campo Pequeno, o inverno despede-se.

Dois excellentes concertos se realisaram agora, um no salão da Trindade, outro na sala do conservatorio. Com elles disseram adeus de vez as reuniões que o inverno tanto favorece, reunindo as familias na cidade.

No concerto promovido pela Real Academia de Amadores de Musica, em homenagem á memoria de Verdi, tomaram parte artistas muito distinctos, sendo sobre tudo applaudidos Gemma Bellincioni e Eduardo Garbin.

O gosto pela musica vae-se felizmente desenvolvendo e Lisboa poude agora applaudir um dos homens que em Portugal mais tem combatido em favor da que só é rainha das artes, quando excellente.

Moreira de Sá, que tão bellos concertos promoveu no Palacio de Cristal da cidade do Porto, apresentou-nos o seu excellente quarteto de cordas, que pela primeira vez foi ouvido em Lisboa.

Foi esse o grande acontecimento artistico dos ultimos dias. Os theatros já deram o que tinham que dar, a não ser que no D. Amelia ainda n'esta epocha se represente o famoso drama de *Galdós*, *Electra*, traduzido pelo distincto escriptor Ramalho Ortigão.

De Italia é que nos chega por telegramma uma noticia de sensação. Quando a Duse, em Milão, representava o final do drama de Gabriel d'Annunzio, *Città morta*, o publico pateou valentemente, e a auctoridade teve prohibir que a peça se tornasse a representar, afim de evitar conflictos.

Gabriel d'Annunzio, que é, sem contestação, um dos mais extraordinarios escriptores modernos, e um homem que dispõe como quer do talento sobre-humano da mais espantosa das actrizes, não poude ainda na sua propria Italia obter um triumpho completo. Por toda a parte o assobio persegue-o. E elle teima, e afinal deve ser elle quem tem razão.

Tres peças e tres fiascos. Mas porque haviam de ser os italianos que inventaram o nome, que é hoje de todas as linguas?

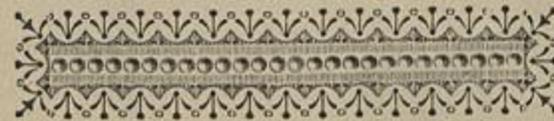
Fiasco foi o *Barbeiro de Sevilha* e fiasco a *Traviata!* Parece que deve lá ser coisa vulgar no paiz da grande arte.

E afinal não é facto que deva espantar-nos. E' a lei das compensações. Quantos triumphos, quantos exitos ás mais completas das banalidades!

Mas doe que sejam Verdi, Rossini, d'Annunzio, ás que pagam.

Verdade é que nas quedas do auctor do *Città morta* ainda ninguem lhe negou o talento e que parece que a pateada recente foi motivada por cauza do episodio final do drama, devéras escabroso e de moralidade muito menos que duvidosa.

Quem nunca teve uma queda formal em theatro foi Augier, hoje por muitos de bom gosto, collocado superiormente a Dumas e Sardou. Um dia, nos tempos de sua maior gloria, estava visitando o director do theatro Francez, quando entrou no gabinete um creado a entregar um bilhete. O director pegou no cartão, e atirou-o para cima da mesa, depois de ler o nome. — «Que espere se quizer.» E continuou, muito attencioso, a falar com o glorioso dramaturgo, com que se demorou muito tempo. Augier palpitou-lhe que o visitante queria impingir peça; mas que espanto, quando, ao sahir, viu sentado no banquinho da ante-camara, de rolo na mão, paciente, humilde, Scribe, o que foi o mais applaudido de todos os auctores francezes, Scribe então já em decadencia manifesta! E Augier disse com os seus botões: — «Se um dia perceber que decahi, parei.» E decahiu, e parou.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALMYRA BASTOS

Esta sim que é estrella de primeira grandeza — Ha poucos annos ainda era uma desconhecida, a sua vocação revelada desde tenra idade não teve nenhum obstaculo a vencer, porque o theatro foi por assim dizer o seu berço. Ainda muito creança assistia aos espectaculos em que sua mãe tomava parte; pouco a pouco ia-se-lhe ateando o fogo sagrado que a chamava para a carreira dramatica, debutando na peça phantastica de Sousa Bastos, o *Reino das Mulheres*. Ahi começou a revelar a sua grande vocação, conseguindo logo o suffragio publico. Desde então os seus triumphos teem sido sem conto, caminhando sempre até chegar onde só chegam os grandes artistas.

Palmyra é uma das nossas glorias artisticas e se porventura tivesse nascido em França, a estas horas a sua reputação seria egual á da Judic, Granier e outras privilegiadas cujo talento tem sido consagrado, por assim, dizer universalmente. A natureza foi prodiga para com ella, dotando a de todos os requesitos para a scena; figura em extremo sympathica, elegante e muito graciosa; possue um timbre de voz fascinador e que instintivamente põe ao serviço de todo o repertorio antigo e moderno da operetta, sublinhando os *couplets* com a intenção maliciosa, caracteristica do genero. Em cada peça que representa é mais um triumpho e o seu nome no cartaz é uma garantia de successo.

D'entre os seus mais notaveis trabalhos destaca-se: a *Perichole*, a encantadora *Alesia da Boneca*, o gentil e desenvolto *Boccacio*, a *Grã-Duqueza*, *Tim-tim por tim-tim*, *Filhos do capitão-mór* e a revista *Talvez te escreva* actualmente em scena.

Além da operetta como todos sabem, fez parte da companhia dramatica que esteve na Trindade onde demonstrou que era tão boa n'um genero como n'outro. A sua interpretação na *Martyr*, *Honra*, *Bohemia*, *João Darlot*, *Mussote*, *Auto dos Esquecidos* e outros onde a maleabilidade do seu talento se manifestou superiormente, são as provas mais exhuberantes do seu *reffinement* artistico.

Em breve partirá para o Brazil onde triumphará mais uma vez o seu genio de artista.

AUGUSTO XAVIER DE MELLO

É ao director de scena do theatro de D. Maria que se deve, em excellente parte, o exito que obtiveram, embora desempenhados por uma companhia muito longe de completa, as peças ali representadas depois do decreto de 1898 haver entregue o theatro aos actuaes societarios.

Salientaremos as peças portuguezas, *Frei Luiz de Sousa* e *Perallas e Secias* e as magnificas traducções de Castilho, *Avarento* e *Tartufo*.

Augusto Xavier de Mello, levado para o theatro por uma decidida vocação, possue um espirito vivo e illustrado, de que tem dado provas fóra tambem da sua especialidade artistica, n'um bello romance de costumes portuguezes, *O Sr. Alferes*, e em varios artigos espalhados por differentes jornaes. O OCCIDENTE por vezes o teve por seu collaborador.

No theatro tem se mostrado incansavel, tomando devéras a peito o seu progresso e procurando, fóra do ramerrão assassino, introduzir entre nós o que de melhor a boa arte moderna vai, a passos muito combatidos, vagarosamente conquistando.

Actor d'altissimo valor, gloriosamente cotado entre os primeiros, o desempenho por elle dado ao Tartufo, protogonista da famosa comedia de Molière por muitos francezes acclamada a mais perfeita do theatro moderno, a maneira por que soube ver a linha geral do papel e tocou com mão de mestre seus pontos luminosos, chamaram sobre elle agora novamente as attenções e o publico todas as noites corôa-lhe com palmas o seu trabalho.

Artista de raça, illustrado como poucos, Augusto de Mello tem um futuro brilhantissimo a esperal-o. Tambem aos consagrados póde do futuro falar-se. Parar em arte é acabar e Augusto de Mello estuda sempre.

UMA ZINGARA

Zingaros ou ciganos, raça de vagabundos que se espalha por toda a parte, vivem do que lhes dão e mais ainda do que lhes não dão, mas de que se apossam por suas manhas e artificios.

Nas mulheres, porém encontram-se typos de belleza pouco vulgar, mas que resalta d'entre os andrajos e esqualidez de que, em geral, se reveste.

A Zingara da nossa gravura é um d'esses typos mais caracteristicos, em traje proprio e que cantando e dançando leva a vida, recolhendo a esmola que lhe dão por suas trovas e habilidades choreographicas.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1889-1890

A *Portugueza*, de Keil, é em si uma composição banal, de pouco valor, e que não recordava coisa alguma digna; nem batalhas ganhas, nem glorias, nem conquistas, nem proesas; lembrava só o repetido desmazelo dos governos portuguezes, e a prepotencia da *nossa antiga e fiel alliada*, que nunca quiz saber de Portugal senão quando isso convinha aos seus interesses, o que era natural e já conhecido havia seculos!

Aquella excitação contra a Inglaterra, porém, depressa se acalmou; d'ahi a pouco tempo *as piratas* retomaram o seu antigo nome de *libras*, e, pelo agio successivo que foram tendo, augmentaram de valor; e, passados alguns annos, ainda antes de findar o seculo XIX, rompendo a guerra entre a Inglaterra e as republicas do Transwaal e Orange, na Africa austral, Portugal, apesar de manifestar muitas sympathias pelos boers, nossos visinhos nas possessões portuguezas na Africa oriental, na campanha que sustentavam contra os inglezes, deu livre passagem pelo territorio portuguez, em Africa, ás tropas inglezas que foram combater no Transwaal; e, em 1900, tornou-se publica, e festejou-se, a alliança de Portugal com a Grã-Bretanha, sendo ministro dos negocios estrangeiros, d'este ultimo paiz, o mesmo Lord Salisbury, que em 1890 enviára o *ultimatum* a Por-

tugal; e, por certo, que a politica portugueza foi, n'esta occasião, mais habil e favoravel aos interesses nacionaes, do que havia sido dez annos antes, quando provocára o *ultimatum* do governo inglez.

Além das operas já mencionadas houve n'esta epocha os seguintes espectaculos e concertos no theatro de S. Carlos.

Em 4 de março de 1890, em beneficio do cofre do monte-pio dos actores portuguezes, e do camaroteiro do theatro, houve o seguinte espectaculo: 1.º quadro do 1.º acto e 3.º acto da opera *Mefistofele*, 2.º e 3.º actos da opera *Rigoletto*; 3.º acto da opera *Roberto-il-diavolo*, e as canções *Bonjour Suzon* e *Les Canards*, por Emilia Corsi.

Em 9 de março, representando-se a opera *Re di Lahore*, no intervallo do 1.º e 2.º actos teve Bulicioff uma especie de ataque de nervos ou epileptico, que a impossibilitou de continuar a cantar n'essa noite; deu-se por isso em lugar do espectaculo annunciado o 3.º e 4.º actos da opera *Re di Lahore*, e 4.º acto do *Rigoletto*.

Em 29 de março houve um grande concerto, promovido pelos estudantes de Lisboa a favor da subscripção para a defeza nacional; constou do seguinte: symphonia da opera *Guglielmo Tell* de Rossini; marcha *Portugueza*, de Alfredo Keil, com estrophes de Lopes de Mendonça, por Tetrazzini, Bulicioff, Corsi, Pasqua, córos, orchestra e banda; *Patria*, cantata de Keil, por Tetrazzini, Brogi, D. José de Almeida, córos, orchestra e banda; côro da opera *Nabuchodonosor*, de Verdi; romanza da opera *Simone Boccanegra*, de Verdi, por Borucchia; aria das joias da opera *Fausto*, de Gounod, por Bulicioff; duetto da opera *I. Puritani*, de Bellini, por Menotti e Ercolani; romanza de *Cinq Mars*, de Gounod, por Corsi; conjura da mesma opera por Ortisi, Menotti, córos e orchestra; aria da opera *Ballo in Maschera*, de Verdi, por Coletti; Rondó da *Cenerentola*, de Rossini, por Judice. Dirigiu o concerto o maestro Pontecchi.

Em 31 de março, em beneficio da Associação musical 24 de Junho, houve o seguinte espectaculo: symphonia da opera *Guarany*, de Gomes; opera *Barbiere di Siviglia*, de Rossini, desempenhada por mulheres (excepto a parte de barytono); cantou Emilia Corsi, *Les Canards tyroliens* e *Si vous n'avez rien à me dire*.

Em 1 de abril, festa artistica de Giuseppina Pasqua; 1.º, 2.º e 3.º actos da opera *Favorita*, de Donizetti, e 4.º acto da opera *Giulietta e Romeo*, de Vaccai.

Em 5 de abril, festa artistica de Eva Tetrazzini; 1.º, 2., 3.º e 4.º actos da opera *Fausto*, de Gounod por Tetrazzini, Gazull, Emiliani, Ercolani, Menotti, Soldá. Cantou Tetrazzini as canções hespanholas *Juanita* e *El Paletot*, em caracter.

Em 6 de abril, festa artistica de Bulicioff; opera *Carmen*, de Bizet; cantou Bulicioff uma romanza russa (minha querida mãe) de Gurriloff, e *La fille du pêcheur*, de Meyerbeer.

Em 8 de abril, beneficio do director de scena, 1.º, 2.º e 4.º actos da opera *Carmen*; 1.º acto da opera *Barbiere di Siviglia* (por mulheres). Cantou Tetrazzini *La Juanita* e *El Paletot*, em costume.

Em 9 de abril, em beneficio de Maria Judice da Costa, houve um concerto; tocando-se as symphonias de *Guarany* e de *Mignon*; tocou piano Palmyra Baptista, e cantaram: Judice a cavatina de contralto do 1.º acto da *Semiramide*, o rondó da *Cenerentola*, e o rondó da *Saffo*; Tetrazzini a aria do *Salgueiro* e *Ave-Maria* do *Otello*; Bulicioff *canções russas*, e Coletti, romanza *Sognai* de Tessarin, e a aria da *Forza del Destino*.

No mez de maio houve no salão de baixo, do theatro de S. Carlos, concertos de musica classica, por Victor Hussla (violino), Rey-Collaço (piano), Elvira Peixoto (violino), Filippe Duarte (violino), Alfredo Gazul (violeta), e Cunha e Silva (violoncello).

Em 19 de maio de 1890, realisou-se no salão de baixo um grande jantar offerecido pela Sociedade de Geographia aos exploradores d'Africa, Serpa Pinto, Paiva d'Andrada, Antonio Maria Cardoso e Victor Cordon.

Teve n'esta epocha o theatro de S. Carlos algumas celebridades artisticas já conhecidas em Lisboa, Van-Zandt, Tetrazzini, Pasqua, Brogi, de que já fallámos, e alguns novos cantores de bastante merecimento, que aqui mencionamos em seguida.

Maria Barbosa Judice da Costa, que já atrás mencionámos, tinha uma bella voz de meio soprano, e cantava com expressão e bonito methodo. Casou mais tarde com o barytono Carruson, e tem percorrido com applausos muitos theatros lyricos.

Delfino Menotti, barytono, possuia voz pouco volumosa; mas era cantor, e sobretudo actor de primeira ordem; brilhava principalmente nos papeis de tyranno, traidor, e em geral dos typos mais antipathicos; era magnifico nos papeis de Iago no *Otello*, e Barnabó na *Gioconda*.

Nadine Bulicioff, (em russo Bulitchoff) era uma russa, *mui entrada em carnes*, com uma voz de soprano extensa, agradavel e flexivel; o bellissimo orgão vocal que possuia, e a facilidade de execução que lhe era inherente, permittia-lhe abranger um vasto reportorio, e como tal prestou muitos serviços ao theatro, para que concorria uma saude de ferro que a cantora tinha, interrompida, comtudo, ás vezes por ataques epilecticos, que uma das vezes a colheu em noite de recita.

Antonio Aramburo, era um tenor, já de edade madura, com boa fama, e melhor voz, mas que parecia adoidado frequentemente, já no modo de cantar, phraseando o mesmo trecho, duas vezes em seguida, de maneiras as mais oppostas, já na acção, e nos gestos; a mesma phrase que uma occasião despertava grandes applausos, em outra provocava pateada!

Reproduziu-se n'esta epocha, o que já annos antes (em 1853) se tinha feito, a representação do *Barbeiro de Sevilha* por mulheres; não poude, porém, ser completo o *travestimento*, porque Pasqua recusou-se obstinadamente a fazer o papel de *Figaro*, o qual teve de ser desempenhado por Coletti; a opera agradou immensamente e deu boas enchentes, e mais daria, se houvesse mais occasiões de ir á scena. Foi sobretudo Tetrazzini que mais enthusiasmo despertou, já pelo seu canto, já pelo modo como se caracterisou no papel de *Alma. Viva*.

Em 14 de agosto de 1890 verificou-se a inauguração do novo *Colyseu dos Recreios*, na rua das portas de Santo Antão; representou-se no theatro d'este circo a opera comica *Boccacio*, de Suppé, por uma companhia italiana, da qual os principaes cantores eram Maria Caracciolo e Angelica Landi.

O novo Colyseu é um circo muito vasto que pode conter mais de 6000 pessoas; é muito elegante, e, nas suas amplas dimensões, com a grande cupula que o cobre, apresenta á vista a mais harmoniosa impressão. Para theatro, porém, as condições acusticas são pessimas. Ha muitos lugares, nos camarotes e galerias, dos quaes se não ouve, nem vê o palco scenico.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

JOÃO BOSCO

Leão XIII dirigiu uma carta encyclica ao mundo catholico datada de 18 de janeiro do anno corrente, versando socialismo, da qual, uma vez que vou referir-me a João Bosco, transcrevo para aqui a passagem seguinte, fundamentalmente verdadeira e luminoso: «O pobre e humilde Francisco, Vicente de Paula, pae dos desgraçados, e muitos outros de que a Egreja conserva a memoria, tiveram o costume de desenvolver um zelo assiduo em proveito do povo, de sorte que, sem se distrahirem elles mesmos nem se deixarem absorver mais do que o rasoavel pelas coisas exteriores, trabalharam com egual ardor para tornar a sua alma perfeita em toda a especie de virtudes».

Cabem perfeitamente a João Boscó as palavras do venerando pontifice que acabo de citar.

Este *heroe christão no seculo* XIX, conforme é chamado na linguagem magistral de Pedro Fabro (Avelino d'Almeida), sahiu do povo e dedicou ao bem do povo todo o ardor extraordinario de suas faculdades primorosas, todo o amor incondicional que lhe avassalava o coração em favor dos pequeninos orfanados, toda a uncção carinhosa e empolgante que provinha de sua fé immensa e intensissima!

A Italia, a patria de tantas creaturas privilegiadas, a terra classica da sciencia juridica e tambem a terra natal de poetas insignes e de cantores e de maestros inimitaveis, a Italia foi berço de João Bosco e logar de origem da instituição famosa que sugeriu em nosso paiz aquella officina admiravel de S. José, no Porto, a cuja frente se acha o benemerito padre Sebastião de Vasconcellos.

E não só ha na segunda cidade portugueza um estabelecimento capaz de roubar habitantes provaveis ás cadeias, ostenta-se tambem na capital a obra dos imitadores e continuadores do inolvidavel italiano, já fallecido, e projecta-se edificação ainda mais vasta.

Para se avaliar em seu conceito devido o que é e o que vale a herança moral e civica de João Bosco, convem saber-se que um homem de sciencia incontestavel e de merito reconhecido pela dirigencia superior de um hospital de alienados, o Dr. Miguel Bombarda, visitando a officina do Porto traçou no respectivo livro dos visitantes estas linhas expressivas e categoricas, citadas por Nemo (José Fernando de Sousa) no livro formoso *E pur si muove*: «A sciencia com o trabalho de muitos annos conseguiu dominar o grande problema dos pequenos criminosos; n'um vôo do coração um homem houve entre nós que o dominou inteiro e n'um relance. E com o coração e só por elle fez obra tão maravilhosa como é esta abençoada instituição — que uma sociedade não consegue realisar em toda a sua extensão... A elle, que é um santo, o meu mais commovido applauso. — 17 de agosto de 1898».

É justificado o titulo de Dom Bosco portuguez, dado geralmente ao inclito sacerdote Vasconcellos.

Quem era, porém, João Bosco? Um dos filhos havidos do matrimonio de Francisco Bosco com Margarida Ochiena, pobres de bens da fortuna e ricos de rectidão e de tesoiros de crença. Nasceu em Becchi, não longe de Asti onde em 1749 o celebre poeta Alfieri vira luz de existencia, distante de Turim cêrca de 40 kilometros.

Corria o anno de 1815, quando, aos 16 dias do mez de agosto, Ochiena pagando á culpa originaria um tributo de dôr, depoz no berço infantil da innocencia este fructo assignalado de seus amores tão honestos quanto castissimos.

A esse mesmo anno se referia o historiador Jules Zeller, quando escreveu este periodo no capitulo *A Italia da restauração*: «Le 16 avril 1815, une proclamation du maréchal Bellegarde, chef des troupes d'occupation à Milan, annonça que les provinces italiennes de l'Autriche, formaient un Etat particulier sous le nom de royaume lombardo-vénitien».

Entrava pois no mundo o filho dos humildes camponios da povoação de Becchi, em tempos calamitosos de guerras sangrentas e de luctas intestinas.

Não seria comtudo esse o theatro de suas glorias futuras e mais alto e sublimado marcára Deus o seu destino.

Iniciado desde os primeiros annos nas verdades do Evangelho de Jesus, de organismo robusto para o trabalho e de espirito disposto á meditação e á contemplação serena da Natureza, em breve se sentiu atrahido pela propria vocação a apostolisar dentro de ordem ecclesiastica as doutrinas de Christo exemplificadas em obra.

Antes de ser o padre Bosco, pastor de almas, protector de creancinhas, caridade em acção, foi pastor de rebanhos na solidão rustica dos prados e das serranias.

«Vêr o que é a belleza, a bondade infinita, tal é a primeira felicidade da alma que attingiu o seu fim, d'ahi, como de uma nascente fecunda brota aquillo tudo que constitue a felicidade perfeita». Isto, que foi escripto por Lodiel no volume deveras interessante *Para onde vamos?* succedeu com João Bosco sem discrepancia alguma.

Sem outros meios além de sua convicção intima, sem mais auxilio que sua vontade intemerata, sem outro norte, outra bussola guiadora que a visão de Deus e seu amor profundo a Jesus Christo, o aldeão de Becchi deixou-se captivar sobretudo pelas creanças e tomou do Mestre Divino o modelo e a regra da sua orientação terrena.

Quiz arrancar ao vicio possivel e ao crime quasi certo os orphãos expostos aos baldões de todas as miserias e de todas as agruras, mas quiz levar a cabo este pensamento arrojado e grandioso de modo a preparal-os para grangear com honra manutenção quotidiana, sem todavia os distanciar irreductivelmente de seu meio primitivo; isto é, quiz proporcionar elementos de vida a milhões de infelizes sem deslocar ninguem de sua esféra nativa.

O seu esforço teve o emprego mais letigimo no decorrer de um seculo essencialmente egoista.

E não o preoccupou a idéa de fundar uma ordem com intuito de adquirir bens temporaes para seus membros e tambem para exercicio de caridade, nem sequer cogitou sobre o pão do dia seguinte; enlevou-se no desejo de esmolar elle mesmo de porta em porta para acudir como pobre a outros pobres seus protegidos, de calejar suas mãos no trabalho para ensinar a trabalhar com o exemplo, de converter menores desamparados em cidadãos prestantes para a familia e para o Estado!

João Bosco pudéra repetir a palavra de Francisco d'Assis respondendo a Innocencio III, que lhe perguntava: «quem, pois, vos fornecerá a subsistencia necessaria?» — «*Eu puz minha confiança em meu Senhor Jesus Christo; Aquelle que nos promete a gloria e a vida eterna não recusará o alimento do corpo*»!

A actriz Palmyra Bastos

No *Auto dos Esquecidos*
No *Boccacio*

No *Sal e Pimenta*
Na *Grã-Duqueza*

No *Barba Azul*
Nos *Filhos do Capitão Mór*

No *Tim-tim por Tim-tim*
Na *Noite e Dia*

O heroe christão do seculo XIX, não usou d'aquellas expressões do immortal napolitano, mas sentiu-as e foi exalçado n'ellas do mesmo modo que o grande patriarca de Assis.

O mundo assiste hoje á prova eloquentissima do facto: João Bosco já agora não calca com suas plantas terra da patria e sólo de paiz estrangeiro, mas perdura sua memoria desde climas da Europa até regiões da America, mas vinga sua obra de continente para continente e triumpha seu desejo nobilissimo de gente a gente e de mundo a mundo!

A força de que se armou semelhante homem benemerente, consistiu na esmola que recebia da caridade publica e que logo convertia em lenitivo espiritual e material de orfãos, em balsamos de miserias, em sanatorio de chagas! O OCCIDENTE opulenta n'este momento a sua galeria de retratos com a gravura representativa de João Bosco, através da qual parece transparecer nitida e scintillante a convicção de apostolo, o quilate superior de sentimento, a pureza diamantina de caracter que distinguiram em vida o filho estremecido de Ochiena.

O padre Bosco, sacerdote da Egreja Catholica, demonstrou perante o mundo á luz brilhantissima da civilisação de nossos dias que é possivel avultar sem ouropéis e sem louvaminhas até ao ponto prodigioso de contribuir poderosamente com recato e modestia, com fé e humildade para o esplendor intrinseco d'uma epoca aurea de progresso ingente.

O ACTOR AUGUSTO MELLO

A cruz de Christo, o favor da esmola, o trabalho manual: eis os instrumentos d'este soldado novissimo nas hostes subordinadas ao successor de Pedro!

Quando penso na significação sublime das officinas de S. José, quando noto a magnitude dos resultados já colhidos por ellas em Portugal e lá fóra e quando considero que um padre catholico synthetisou e consubstanciou tamanha empreza, tão gigantesca elaboração só possuindo de propriedade o chão que pisava, quando considéro e attento n'isto, digo como Alzog no remate de sua *Historia universal da Egreja*... Que os povos se levantem ou declinem a Egreja nunca os abandona; ella comprehende suas luctas e seus desastres bem como sua regeneração: mediadora entre o céo e a terra ella une o que passa ao que é eterno, glorifica Deus na humanidade e prepara esta ao seu triumpho em Deus pelo ministerio de Jesus Christo».

João Bosco nasceu e morreu physiologica e anatomicamente falando, dentro do ciclo de annos abrangido pelo seculo que findou, mas a morte que poude paralisar-lhe a vitalidade organica e restituir um pouco de pó aos vermes da sepultu-

D. JOÃO BOSCO

ra não lhe tocou mesmo de leve o sôpro immortal, centelha divina que continua a aquecer como fogo celestial mysterioso a *Pia Sociedade de S. Francisco de Sales*, «a cuja direcção, como diz Pedro Fabro, pertencem as *Officinas de S. José*, em Lisboa».

Auxiliae-a leitores com o obolo de vossa caridade, pela resolução de vossa gentileza; sabei apreciar por acto voluntario a epigraphe de Thomaz Ribeiro em sua poesia *A Festa e a Caridade*: «Qui donne aux pauvres, prête à Dieu»!

Legae a vossos descendentes como herança de cumprimento rigoroso esta fraze profunda do auctor dos *Miseraveis*, e emquanto aguardaes a hora do transito sêde para com os protegidos de João Bosco tal qual se contém no citado principio filosofico de Victor Hugo!

Será esse o melhor titulo de vossa prosapia e o padrão inabalavel de vossa memoria.

D. Francisco de Noronha.

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

I

A' beira do Rheno, na pequenina cidade d'Ober-Wesel, morava um homem, senhor d'uma riqueza rasoavel, chamado Conrado Krumpholtz. Teria trinta annos, mas apresentava uns cincoenta, não que na vida houvesse tido grandes abalos, vivas agitações, mas tinha-se massado muito e cada dia se massava mais.

Ao começar d'esta narração, não havia uma semana ainda que o Barão Conrado era possuidor do solarzinho de Ober-Wesel. Vamos tão succintamente quanto possivel dizer o que trouxera o Barão para a visinhança pedregosa e deserta do penedo de Loreley.

O Barão de familia pobre, e por muito tempo pobre tambem, por fortuna favoravel e quem sabe se por aptidões superiores em que quasi toda a gente concordava, chegára a obter grande valimento na côrte do principe de ***, distincta representação na diplomacia e uma riqueza que o futuro decerto accrescentaria.

Um dia, era em março, certa mulher mandou a Conrado uma bolsa por ella bordada, como prenda d'annos. Conrado julgou dever mostrar-se reconhecido a tanta attenção remettendo á linda bordadora um adereço de rubins, cuja belleza e montagem dias antes diante d'elle ella gabára; mas o ourives já tinha vendido o adereço e só poude fornecer um outro algum tanto parecido; isto não deu gosto á mulher, pelo que Conrado se poz de pessimo humor.

II

Ora n'esse dia o tempo era sombrio, o Athanasio tinha deixado queimar o chocolate e o Barão estava com uma enxaquêca.

Estava n'aquella situação physica e moral em que um homem se sente mal sem nenhuma dôr determinada, soffrendo vagamente pesados incommodos intoleraveis a que se não sabe pôr nome, presa d'inimigo tanto mais invencivel que não é possivel luctar-se com elle corpo a corpo. N'esses dias dar-se-hiam dez annos de vida por um verdadeiro motivo de tristeza, tão doloroso é o aborrecimento que pesa sobre o espirito e a alma, como no estio, sobre o corpo, uma nuvem carregada de electricidade. Da parte do Athanasio era serviço que prestava ao amo dar-lhe um pretexto sufficiente, e o Conrado não se lhe daria atiral-o pela janella fóra, se houvesse homem que se deixasse sahir por uma janella sem para isso se mostrar disposto.

O Barão poz-se a esquadrinhar um remedio para escapar da horrivel enfermidade; tudo lhe pareceu insulso e desanimador; tanto mais que já tudo havia experimentado cincoenta vezes. Para matar o tempo, o que ainda assim lhe pareceu melhor foi desesperar-se com a mulher a quem tinha mandado os rubins. D'ahi a dizer mal de todas as mulheres em geral ia um passo apenas; o Barão deu dois passos e calumniou-as. — Der Teufel! disse, parece incrivel a conta dos dias de que dei cabo com as mulheres!

Depois de haver muito lamentado o tempo assim *perdido*, concluiu que ainda assim era a melhor maneira de o empregar e que tempo *perdido* era o consumido por qualquer outra fórma.

O Barão, que sempre tivera a perna direita traçada sobre a esquerda, alterou de subito essa ordem, approximou do lume a poltrona, restabeleceu a architectura do brazeiro, como faz quem, tendo por acaso uma ideia agradavel e interessante, procura seus commodos para completamente se lhe entregar. — E verdade, verdade, accrescentou, se na vida passei instantes bons, ás mulheres o devi.

Tocou, chamando o Athanasio, e mandou buscar umas pastas empoeiradas, cuja encadernação modesta singularmente contrastava com a rica mobilia do gabinete. Outra vez só, pensou: — A gosto que nunca em toda a minha vida passei dia como este. Folheou os cadernos e entre as paginas mais ou menos escrevinhadas, procurou, de caderno em caderno, as datas correspondentes á do dia em que estava.

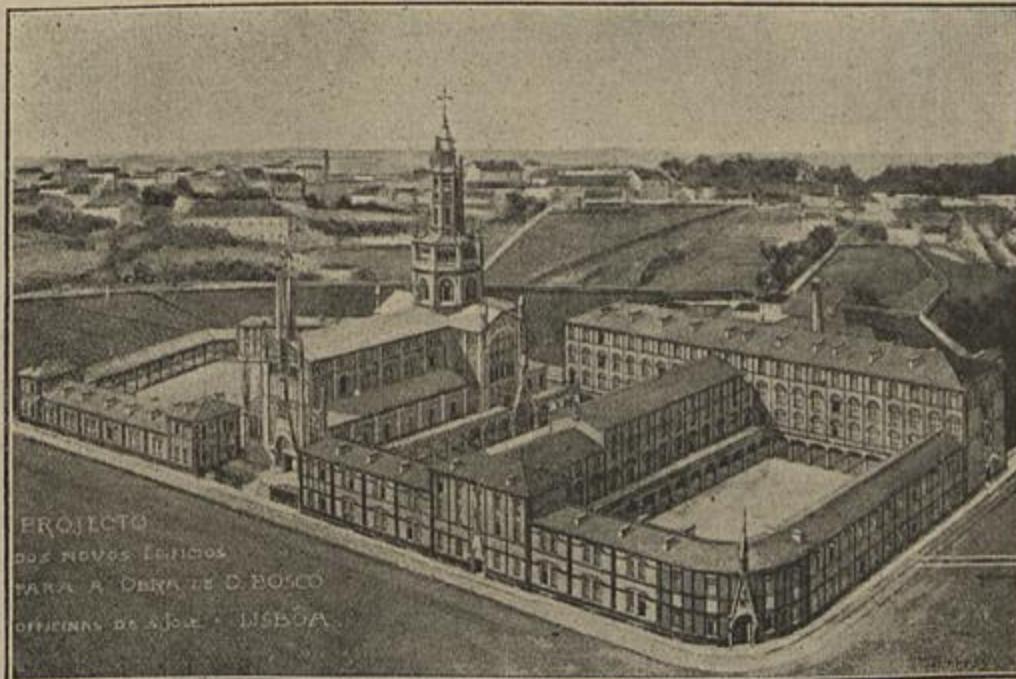
«15 de março. — Esta manhã, correndo, dei uma queda tal que fiquei coxo e estraguei as calças verdes. Minha mãe, logo que o soube poz-se a gritar: — Ai, as calças novas!

Uma cantiga que fiz a respeito d'um professor fez com que me castigassem; na quinta-feira não me deixam sahir. Quando largarei eu estes bancos? Falta-me um anno enorme para acabar com esta rhetorica. Demais a mais na quinta-feira havia de haver á merenda excellente kusflaten».

O Barão sorriu-se e pegou n'outro caderno.

«15 de março. — Nada».

Outro caderno.

«15 de março. — Para festejar o dia dos meus annos a minha linda Branca deu-me o primeiro malmequer desabroxado este anno. Como de noite olhei para elle pensando em Branca, como d'essa flor a murchar-se me parecia exhalar-se o perfume do seu halito! O sr. Benhard perguntou-me de repente o que é que eu tinha. Senti-me córar, escondi o meu thesouro e não respondi nada. Não sei que pensaria o sr. Benhard da minha atrapalhação; mas sei que nem elle nem ninguem o hão de nunca saber. Antes mil vezes eu perca o logar que me dá o pão do que expor Branca a um só pensamento impertinente; afogava n'estas mãos quem eu pudesse suppor pensamento similhante, abrigar no mais intimo do coração».

PROJECTO DO EDIFICIO PARA AS OFFICINAS DE S. JOSÉ EM LISBOA

— Safa! disse o Barão sorrindo, isto é que era de cavalleiro andante e nunca nenhum, me parece, foi tão de pontinhos por sua dama.

Mas a frase começada com um sorriso terminou-a n'um murmurio dos labios; as idéas seguiram-lhe outro curso e deixou escapar um longo suspiro. Pegou n'outro caderno.

15 de março. — Não sei o que hei de fazer; o alfaiate não quer fiar e na quinta feira tinha d'ir ao baile do embaixador francez.

Conrado deixou cahir o livro, pegou na tenaz e poz-se arranjar o lume, que não precisava arranjo, como querendo convencer-se de que não estava tal absorvido pela leitura d'aquellas notas d'um tempo já tão longinquo.

— Mais contente estava eu com aquelle malmequer do que esta toleirona com os rubins que lhe mandei.

Folheando estes cadernos, ainda me parece sentir o cheiro dos damasqueiros em flor em casa de Branca.

A Brancasinha! O nome faz-me bater o coração, volto á vida de então ao ler estas paginas; sinto-me desasocegado como se ainda tivesse vinte annos e Branca esperasse por mim.

Deixou-se ficar uns instantes com a testa encostada ao marmore do fogão; depois, para afastar saudades doces e melancolicas que o opprimiam, ergueu-se de repente e tocou a campainha.

— Athanasio, a carruagem d'aqui a dez minutos.

III

Como sempre são precisos mais de dez minutos para aparelhar dois cavallos, demais a mais sem aviso previo, Conrado teve o gosto de zangar-se com o Athanasio, com o cocheiro e com os cavallos.

Desceu, quando tudo estava prompto; mas quando o Athanasio, ao fechar a portinhola lhe perguntou para onde iam, o Barão olhou para elle, muito espantado, hesitou, e logo:

— Para parte nenhuma. Podem desaparelhar. Não saio e não estou em casa para ninguem.

Tornou a subir para o gabinete, deitou mais lenha no lume, tornou a vestir o chambre e a pegar no caderno de notas para o qual, havia muito, nem sequer olhava.

IV

NOTAS

15 de junho. — Hontem minha mãe quiz obrigar-me a pôr uma gravata branca e a dar-lhe o braço para hoje a acompanhar, com duas senhoras suas amigas, n'um passeio ao *Castello Velho*. Gosta muito d'ir ao *Castello Velho*. Não conheço nada tão bonito em Rudesheim. Gosa-se uma vista immensa da plataforma coberta de roseiras floridas; o Rheno com suas margens verdes, e seus cabeços cobertos de vinhedos, seus rochedos aridos.

E' espectaculo a que desde a minha infancia estou costumado e que nunca me cançou.

Entretanto não quero ir ao tal passeio. Hoje é domingo e vai lá muita gente. Não estou nem tão bem vestido nem tão bem arranjado como os outros rapazes que lá vão. Parece que todas as mulheres querem atrahir-lhes os olhares. Não um só para quem ellas não queiram parecer bonitas, um só em quem uma mulher não haja pensado esta manhã ao arranjar os cabellos ou a pôr o chapéo.

Ali, em meio de todos, já eu sou estranho; nenhuma procura, nenhuma evita o meu olhar, nenhuma lhe importa que côr eu prefiro; entre tantas raparigas de cabellos em bandós chatos não ha uma que sonhe quanto aquelle penteado accrescenta a seu rosto um encanto prestigioso para mim; e se alguma o soubesse não se pentearia assim ámanhã.

Não vou ao *Castello Velho*; mas, como d'aqui a duas horas é que se deve partir, preciso esquivar-me.

Aonde irei? Ao espirito melancolico, ao coração ferido só a solidão agrada.

Ferido! Porque? Onde está a minha dôr?

— Sei lá; mas sei que me doe. Estou exasperado com tudo. Na linda estação em que estamos tudo se enfeita e sorri; os bosques são verdes e sombrios, os vallados cheios de giestas; á beira dos rios as iris baloiçam suas flores amarellas, o maçarico vôa, d'uma margem á outra, a direito e rapido como setta, para na folhagem azul dos salgueiros esconder a brilhante plumagem que póde trahil-o.

Só eu ando triste; queima-me o sol o rosto sem alegrar a minh'alma; entre as canções festivas tenho vontade de chorar, contra todos me sinto enraivecido.

Não vou ao *Castello Velho*.

Sósinho vou andar a flaino pelas beiras do Rheno até á noite, até que ella envolva Rudesheim.

16. — Que lindo era hontem o sol em seu poente! como tudo era silencio e melancolia! Mas nem sequer com tristeza afinava com a do meu coração. Sou sempre importuno para os outros e para mim, como uma dissonancia, nota desafinada em meio da harmonia.

A natureza era muda; parecia terem abafado seu murmurio as pequeninas ondas que o rio desenrola na areia das margens; o vento ja não fazia estremecer as folhas.

Parecia a natureza, ao declinar do sol, uma mulher que adormece com um sorriso triste nos labios, porque como deixa um amante querido, embora sabendo que no dia seguinte ha de encontral-o formoso e meigo. E' tristeza, mas um momento de tristeza entre a recordação e a esperança. Pela maldição celeste! não é assim a natureza das minhas penas

Quando a ponta do rochedo mais alto perdeu o ultimo reflexo do sol, fui-me embóra, passei pelo *Castello Velho*. O ar tepido refrescava-o um ventosinho que se erguêra de leste.

Ali, as hervas acamadas conservavam a pegada das mulheres que todo o dia por ellas passeavam. Parecia que no ambiente alguma coisa d'ellas se conservava e, ebrio, respirava aquelle ar que brincava em seus cabellos e na gase de seus cintos. Escaldava-me a cabeça; deitei-me nas hervas e puz-me a chorar. Quando voltei, minha mãe ralhou muito comigo. O ella tractar-me mal, estou costumado, não foi o que me exasperou; a voz de minha mãe faz-me tanta impressão como a pancada monotona da pendula do relogio; mas hontem a sua voz perturbava uma linda melodia que me cantava cá dentro. Entre as ervas encontrára um ramo de flôres do campo e tinha-o escondido como achado precioso e todo o meu espirito se occupava d'aquella que o havia perdido.

Singular doidice! As commoções d'aquella tarde, o mystico silencio da noite, tinham culpas talvez... Hoje já lá vai tudo.

E d'ahi quem sabe?

19. — A mulher deve ser loira, uma trigueira não queria um ramo azul.

20. — Dormi mal. Vi em sonhos uma rapariga com uma corôa d'aquellas flores na cabeça. Ao acordar, senti a impressão triste que nos dias lindos de inverno nos dá uma nuvem que passa e nos véla o sol. Tornei a fechar os olhos, mas não consegui adormecer nem encontrar outra vez o rosto commovente.

21.—Hontem á noite, quando voltei para casa, minha mãe disse-me com modo sêcco e auctoritario: — De noite não torne a sahir nem para a rua nem para o campo.

Porque privar-me da minha liberdade, meu unico bem? Com que direito?

Não, não, quero ser livre como o vento. Se achar officio em que ganhe a vida, deixo-a.

Minha mãe se alguma vez gostou de mim foi por vaidade pessoal e por causa dos meus exitos na Universidade.

Effectivamente, quando, ha um anno, fui expulso por causa da minha questão com aquelle pedante, em vez de procurar consolar-me por eu ter sido posto fóra de concurso, exprobou-me amargamente.

Bem me lembro porque me pozeram fóra do collegio Revoltara-me não sei porque contra um professor; o director do collegio queria que eu lhe pedisse desculpa.

Bem me lembra: cahia uma geada medonha e as estrellas scintillavam muito alvas no céo; levantei-me no meio da noite, fui para o pateo e chamei o meu pedagogo. Depois de muito hesitar, appareceu á janella.

—Sr. Silber, disse-lhe eu, queira descer depressa.

—Para que?

—Desça.

Quando o vi no pateo, a tiritar, disse-lhe.

—Venho pedir-lhe desculpa de lhe ter desobedecido no outro dia.

24.—Hontem, quando eu ia a sahir, uma amiga de minha mãe disse-me:—Traga-me flores. Quando voltei, disse que me tinha esquecido do recado.

26.—Hontem esteve lindo o céo.

Sobre um fundo azul pallido, nas pontas dos rochedos, apoiam-se immensas nuvens negras e purpurinas; por cima d'ellas brilhava a lua n'um crescente fino e estirado como um cabello, muito branco; á medida que ia amarellecendo, o azul do ceo tornava se ferrete, a purpura côr de violeta e a apagar-se.

Viam-se fluctuar leves nevoeiros com fumo avermelhado.

30.—Prometti a minha mãe acompanhal-a ámanhã a casa de uma sua amiga. Vou aborrecer-me, vou ser desastrado e mostrar-me pouco á vontade. Andei mal.

Mas, onde quer que eu vá, se me não receber bem, a culpa e minha. Ninguem calcula os esforços que faço para atenuar a expansão das minhas sensações, para esconder em mim mesmo o que sinto.

Ha coisa de quinze dias, voltava eu do *Castello Velho* e uma mulher carregava com muito custo um molho de lenha que eu mettia facilmente debaixo do braço. O primeiro movimento que tive foi de a livrar do fardo; mas conteve-me o medo de ser ridiculo, e desde o principio da rua, fui n'aquelle combate.

Toleirão!... Ser ridiculo! Quem se atreveria a rir vendo-me ajudar aquella pobre mulher? E que ruina, que importava?

Para todas as minhas acções e palavras vou sempre seguir o meu primeiro impulso, pouco se me dando das opiniões dos outros. Já percebi que se me acontece deixar antever um pouco do meu coração ou do meu espirito, excito uma certa attenção, um certo interesse; é deixar-me ir sem receio atraz do que sinto e estou certo de que serei eloquente.

1 de julho. Quarta feira.—São duas da manhã e ainda não fui capaz de adormecer. Queria andar, correr, mas não sei aonde ir... Gira-me o sangue com espantosa rapidez, sinto no peito uma braza que me queima, mas que entretanto me produz uma sensação voluptuosa... Que terei eu? Vou escrever, talvez me socegue. Não cumpri hoje a promessa que havia feito; dançou-se, acanhei me: dancei pessimamente.

Mas estava lá, ao canto da janella, uma rapariga toda vestida de branco, tão bonita, tão bonita...

Nada mais viram meus olhos n'aquella noite. Tão novinha! Não póde um homem apaixonar-se por uma criança.

Mas é tão bonita, um ar tão doce... Ficava-lhe tão bem o vestido branco!

2 de julho. Quinta feira.— Chama-se Branca.

3 de julho. — E' nossa visinha ha quinze dias; desde então, quando minha mãe vai passear, *ella* vai com minha mãe; n'aquella tarde em que eu me deitei, desesperado, sobre as ervas do *Castello Velho*, tinha ella lá passado o dia todo.

Este raminho de flôres azues não foi decerto d'ella, que tem cabellos escuros; vou deital-o fóra.

4. — Hontem, no jardim, estava eu lendo, quer dizer deitando os olhos para um livro, quando ella chegou. Levantei-me e, cumprimentando-a, senti-me corar; quiz dizer-lhe qualquer coisa, para não lhe parecer um bicho do matto, porque até mais gostaria de lhe não falar, vel-a, estar junto d'ella era o bastante.

Como me viu atrapalhado, falou ella:

— A tia está com sua mãe. Disseram-me que viesse ao jardim apanhar um ramo.

Depois houve um grande silencio.

Julguei dever interrompel-o, mas quando quiz falar, faltou-me o folego, ainda mais do que quando subo aos rochedos mais escarpados.

Disse por fim:

— O sol está hoje quentissimo.

Naturalmente Branca julgou a coisa tão evidente que pensou que não era para negar-se e que era inutil confirmal-a; por isso não respondeu e deixa-me em toda a atrapalhação do dialogo.

Lá criei animo e disse:

— Acompanhou minha mãe, ha dias, n'um passeio ao *Castello Velho*?

— Acompanhei, respondeu Branca.

— Tambem n'esse dia estava muito calor.

Provelmente, ainda pela razão porque não respondeu á minha primeira frase, tambem agora se calou.

— Já conhecia o passeio? perguntei:

— Não.

Estava desesperado por não poder dar á conversação uma volta tal que Branca tambem tivesse que falar e de interromper aquellas respostas monosyllabicas que me davam o trabalho de sustentar uma palestra tanto mais de atrapalhar que só não podia falar d'aquillo que muito quereria dizer-lhe.

Mas de repente ella livrou-me de embaraços dizendo-me.

— Nunca vi rosas tão bonitas como as da plataforma da torre.

— Nem tão cheirosas, disse eu.

— Nem tamanhas, accrescentou ella.

— E' entretanto, continuei, por muito rica e prodigiosa que seja a natureza, teem sempre os pin-

tores o sestro de querer aformoseal-a : todas as rosas que vi, até de pintores muito celebres, são todas maiores que as rosas naturaes.

Logo vi que Branca não conhecia nem os pintores celebres nem as rosas. Então para falar d'outra coisa, disse-lhe :

—No dia em que esteve no *Castello Velho*, eu tambem lá fui, mas de tarde.

Começando a frase, queria eu dizer : — Achei um raminho de flores do campo. Mas não me atrevi e disse :

—Era noite quando voltei.

Branca pensou não dever dizer coisa mais misteriosa e respondeu-me.

—Nós voltámos ás oito horas.

Era uma palestra como se vê, simples e muito innocente, mas quando ouvi remexer os ramos d'um arbusto, bulha produzida por minha mãe e pela tia de Branca, senti-me corar e não pude continuar fallando. Julgava-me capaz de quanto não tinha sido capaz de dizer.

Minha mãe disse-me muito seccamente:

—Não o cuidava aqui.

Tratei logo de dar quantas razões pude, custosamente rebuscadas, para explicar porque estava no jardim.

Nunca fora tão desastrado.

Branca deve suppôr-me idiota.

Nunca mais a quero ver.

5.—Tinha o ramo de flores do campo na mão; quando ella se approximou de mim, deitei-o fóra.

Olhou.

—E', disse-lhe eu, um ramo de flores que achei ao pé do Castello Velho, accrescentei mais baixinho.

Depois ainda, em voz quasi inintelligivel:

—O dia em que lá esteve com minha mãe.

—E' celebre! disse Branca.

—Porque? exclamei.

—E' celebre! continuou.

E depois d'um silencio:

—E' que n'esse dia do alto da plata-forma atirei fóra um ramo assim, que truquei por umas rosas.

—E' celebre! disse eu tambem.

E', que apanhasse esse ramo.

—Não; que escolha ramos azues, quando os seus cabellos são escuros. O azul não vai bem ás que teem cabellos escuros.

—Ora! disse ella, não sou coquette e gosto de flores de todas as côres. E depois não me vai tão mal o azul; tenho pena de não ter nada azul para pôr.

Eu tinha um lenço azul, offereci-lh'o e ella logo o poz ao pescoço. Effectivamente a pelle d'ella é tão branca que lhe fica o azul a matar.

6.—Hontem a minha mãe quiz mandar lavar o meu lenço azul; tirei-lh'o das mãos com raiva. Só Deus sabe o que elle custou. Poz-se a andar de cá para lá pelo quarto, a descompôr-me; disse-me que eu havia de acabar mal; chamou-me tolo, cabeça no ar, ingrato e má coração; e por fim, depois de muitas duvidas, como se essa expressão forte lhe parecesse dura de mais, chamou-me original.

—Pois vou-me embora.

Ora adeus! um só sorriso de Branca tudo isso desfará.

8.—Como certos passaros que cantam quando ha trovoado, antes d'hontem fiz estes versos

Avistei-te. Eras como a flor de rara planta
Cujo alvor virginal o arfar da brisa teme.
E eu não quiz confessar-te o meu amor extreme,
Que a alma toda me encanta,
Não fosse profanar tua belleza tanta!

Insensato que eu fui! Se ámanhã carinhosa
A rosa inda em botão bebeu o doce pranto,
Se da brisa colheu o beijo puro e santo,
Não fica mais formosa!
A brisa quer beijar-te, abre o teu seio, rosa!

(Continúa)

SCIENCIA MODERNA

XXVIII

TRANSFORMAÇÃO DAS PROPRIEDADES CHIMICAS DE CORPOS SIMPLES

E' muito notavel a descoberta recentemente feita pelo doutor Gustavo Le Bon, um dos homens de sciencia mais afamados, da França.

Entregando-se ao estudo das fórmas diversas da phosphorencia, o illustre clinico constatou que alguns corpos simples eram susceptiveis de modificar por completo as propriedades chimicas, quando em presença de pequenissimas particulas de corpos extranhos, e muitas vezes tambem, uma simples pressão, embora não elevada, conseguia o mesmo fim.

Foi assim que o doutor Gustavo Le Bon observou que se lançarmos sobre o sulphato de quinina, algumas gottas de vapor d'agua, estas são sufficientes para tornar o sulphato, phosphorescente.

Até hoje, os estudos d'este eminente homem de sciencias teem-se cingido unicamente a apreciar as alterações que soffrem as propriedades chimicas do mercurio, aluminio e magnesio, quando estes metaes se acham em contacto com tenuissimas particulas de outros corpos, com o auxilio de uma leve pressão.

Digamos agora quaes as propriedades chimicas dos metaes acima citados, quando alterados, e comparemol-as com as dos mesmos, quando no estado ordinario.

Mercurio ordinario.—Não se exyda a frio—Não decompõe a agua.

Mercurio alterado.—Oxyda-se energicamente—Decompõe a agua.

Magnesio ordinario.—Não se oxyda a secco—Decompõe a agua.

Magnesio alterado.—Decompõe a agua e oxyda-se.

Aluminio ordinario.—Não decompõe a agua, não se oxyda ao ar e é inatacavel pelos acidos.

Aluminio alterado.—Decompõe a agua, oxyda-se, e altera-se pela acção de alguns acidos.

Eis como se deve operar com cada um dos metaes!

Mercurio. — Se mergulharmos uma lamina de magnesio n'um banho de mercurio, (os dois corpos não se alteram, na sua constituição; mas se se exercer uma leve pressão introduzindo n'um tubo cheio de mercurio, a lamina de magnesio previamente esfregada com papel esmerilado, cuja extremidade se acha ligada a uma rolha que veda o tubo, esta é atacada pelo mercurio no fim de algumas horas. Então, o mercurio oxyda-se rapidamente, decompondo a agua. Se eliminarmos a camada de oxydo de mercurio que se formou á superficie, logo este metal se cobre de uma nova camada, e assim successivamente. Para que se forme o oxydo de mercurio, basta que o metal contenha $^1/_{14}$ $^0/_{000}$ do seu pezo em magnesio.

Magnesio.—Como já dissemos, o mercurio submettido á acção do magnesio não produz com este metal, reacção alguma, mas se fizermos actuar uma pequena pressão, na introducção da lamina de magnesio, no mercurio, ou ainda se se agitar durante dez minutos n'um banho de mercurio levemente acidulado pelo acido chlorhydico a $^1/_{100}$, a lamina de magnesio, as propriedades d'este metal alteram-se, e o magnesio oxyda-se rapidamente a agua, decompondo a agua.

Aluminio —O mercurio não tem acção sensivel com o aluminio, quando estes corpos não se encontram em presença de qualquer reagente.

Fazendo actuar uma lamina de aluminio previamente limpa com pó de esmeril, n'um frasco de mercurio submettido a uma fraca pressão, e agitando o frasco, durante alguns segundos, se retirarmos a lamina, a limparmos com cuidado e a collocarmos n'um supporte, em posição vertical, veremos, dentro em pouco, cobrir-se esta de pequenas espigas de aluminio, as quaes attingem muitas vezes a altura de um centimetro, elevando se a temperatura, no inicio da operação, a 102°. Este phenomeno é denominado pelo seu descobridor, a germinação do aluminio, facto este que até hoje era perfeitamente desconhecido.

Se lançarmos o aluminio n'agua, na occasião em que o retiramos do mercurio, este fica com a propriedade de decompor a agua, transformando-a em alumina, operação que só termina, com a destruição completa da lamina.

Uma lamina de aluminio de um millimetro de espessura, um centimetro de largura e dez de comprimento desaparece por completo em 48 horas.

Pode-se formar uma ideia perfeita da pequenissima quantidade de mercurio necessaria para transformar as propriedades do aluminio, introduzido n'uma porvета de agua distillada com algumas gottas de mercurio, uma lamina de aluminio mantida verticalmente por um rolha de modo que só a parte inferior toque na superficie do mercurio; a agua decompõe-se, e dá-se egualmente a desaparição da lamina.

Como dissemos, os acidos não alteram o aluminio ordinario.

O acido sulphurico, o acido acetico puro e o acido azotico impuro do commercio atacam o aluminio alterado.

Esta serie de experiencias vêm ainda demonstrar que a chimica ainda tem para nós, innumeros segredos que até hoje, são perfeitos mysterios.

Quantos corpos haverá que hoje nos pareçam simples, mas que ámanhã sesão tidos, como compostos? Quantas combinações de corpos não pareceräo hoje absurdo, e ámanhã o não hão de ser?

A estas duas proposições, nada se poderá responder, mas não nos repugna admittir que o futuro nos indique que os chimicos de hoje elaboram em erro, considerando simples, os corpos que o não são, e absurdas as combinações que realmente o não sejam.

XXIX

UM NOVO ANESTHESICO

De todos os anesthesicos, a cocaina é talvez hoje, o mais efficaz. No emtanto, este alkaloide não pode ser applicado nas injecções aos cardiacos e nervosos porque pode dar origem a perturbações circulatorias. A encaina, alkaloide que se suppoz substituil-a, não apresenta a efficacia da cocaina.

Propoz-se então, o *gaiacol*, mas a sua pouca solubilidade na agua, o condemna para ser applicado nas injecções, é necessario dissolvel-o em azeite.

O doutor Followell parece ter arranjado uma formula para combinar o gaiacol com a agua, e ao producto resultante, denominam gaiacyl (sal calcico do derivado sulpho-conjugado do gaiacol ou acido gaiacyl-sulphorozo).

Prepara-se este, misturando partes eguaes de gaiacol fundido e acido sulphurico monohydratado, fundindo a mistura em banho maria, a fogo brando, e juntando-lhe uma porção de agua equivalente a 5 ou 6 vezes o seu peso. O excesso de acido é precipitado pelo carbonato calcareo. Evapora-se em seguida a secco, depois de decantado e o producto resultante é o gaiacyl, pó cinzento, ligeiramente violeta, soluvel na agua.

Tem sido empregado com exito favoravel, na estirpação de nervos dentarios e outras operações, taes como extracções de abcessos, anthraces, lobinhos, etc.

Tudo leva a crêr que este anesthesico terá de futuro grande acceitação por parte dos clinicos.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

Padre Antonio—*Romance popular por J. Agostinho de Oliveira — Livraria Editora de Antonio Figueirinhas—73, Rua das Oliveiras, 77—Porto —1901.*

Eis um romance portuguezissimo, devéras encantador. N'elle se destaca a figura sympathica d'um bom cura d'almas, como felizmente ainda se encontram alguns na egreja portugueza. Em seu torno agrupam-se outros personagens que mostram bem no dizer franco e digno as virtudes da nossa raça, sobresahindo o modesto professor d'aldeia, a quem o romancista soube ennobrecer devidamente

Um romance d'este genero, em que os intuitos são nobilissimos, exaltando-se os humildes, merece sem duvida o applauso sincero de quantos apreciam e comprehendem um trabalho litterario honesto e edificante. O entrecho emociona docemente, havendo scenas que infundem profunda commoção, outras rescendendo suave encanto, e ainda algumas a que a nota alegre e graciosa dá realce, como no impagavel discurso do politico da aldeia, para o qual não houvera senão um grande homem—Fontes, que o nomeara regedor sem o conhecer.

O auctor accentua vigorosamente todos os traços de cada typo que nos apresenta. A par das figuras alludidas, as restantes offerecem vivida individualidade. Os sentimentos mais variados são expressos em phrase apropriada. As descripções naturaes são sobrias e rapidas mas de colorido intenso e agradavel.

N'uma epocha em que tanto romance de fancaria tem sido publicado, apraz-nos apontar como de valor inconteste o que temos presente. O auctor affirma n'elle os seus dotes de litterato amante da lingua, seguindo um ideal de justiça e de bondade, já esboçado em bellos versos no seu *Poema do Lar*, aqui noticiado.

O illustrado editor soube apreciar o romance e fez d'elle um elegante volume de 250 paginas em edição popular, de impressão nitida e legivel, que poz á venda pelo diminuto preço de 200 réis.

Oxalá o acolhimento publico anime o auctor e editor a proseguirem, enriquecendo-se assim a bibliographia romantica portugueza, e derramando-se sob forma tão agradavel as mais puras noções do dever e da honra.

A minha «candidatura» por Mogadouro *(Costumes politicos em Portugal) por Trindade Coelho—Lisboa—1901.*

O Limoeiro *por D. Francisco de Mello e Noronha — Lisboa, 1901.*

É este folheto dirigido ao actual ministro da justiça sr. conselheiro Campos Henriques. Nos seguintes periodos de uma *carta aberta*, que em tempo o auctor dirigiu ao mesmo ministro, se synthetisa perfeitamente a idéa generosa que presidiu á elaboração de tão substancioso escripto.

«Quizera que V. Ex.ª fizesse desapparecer do seio de Lisboa a escola repugnante de todos os vicios, a nodoa immunda que envergonha a nossa capital aos olhos dos extrangeiros e que o vulgo denomina *Limoeiro*, indigna de um povo catholico, d'uma capital civilisada.

Aquelle enorme casarão de aspecto repellente, agrupamento arruinado de varios accrescentes sem nexo de construcção, está clamando completa reforma senão camartello que o abata, com beneficio de todos. A existencia d'aquella velha cadeia n'um bairro tão populoso como o da Sé torna-se contraria a todos os preceitos penaes, pela natural distracção que offerece, pela falta de segurança e impossibilidade de ser bem vigiada, pela ausencia de morigeração dos presos, pois que alli se não prescreve o trabalho, do que resultam

UMA ZINGARA

N'este seu livro occupa-se, como claramente o titulo o indica, o sr. dr. Trindade Coelho de fazer a historia da sua candidatura a deputado nas ultimas eleições.

Embora o assumpto seja de natureza pouco edificante, mercê das peripecias de que se revestiu, acha-se comtudo exposto com bastante lucidez e fino espirito, o que torna agradavel a leitura do livro.

O auctor dá-nos, pois, um quadro de costumes politicos portuguezes, embellezando é certo com a arte do seu estylo attrahente, mas não occultando a verdade dos factos, que é bem desconsoladora.

Acompanham o texto grande numero de notas que o esclarecem e lhe augmentam a amenidade.

os fundados reparos e reclamações.

«Isso, sim, emprehendendo semelhante tarefa nobilissima, trabalharia para a regeneração social, para gloria da patria e para honra do seu nome.»

O desejo manifestado pelo sr. D. Francisco de Noronha, cuja penna adestrada em assumptos sociaes é bem conhecida dos nossos leitores, tornou-se em verdade — e bem poucos serão os que o não reconheçam—de uma necessaria e impreterivel realisação. O velho palacio onde se encontra installada a prisão conhecida pelo *Limoeiro* é um edificio já condemnado officialmente ha muitos annos sobre o ponto de vista material e hygienico; e moralmente tambem de ha muito que na imprensa se tem declarado ser aquelle pardieiro uma escola de depravação, prisão preventiva

Bem anda, pois, o sr. D. Francisco de Noronha pugnando nobre e denodadamente pela remoção ou extinção d'aquelle antro, que nos envergonha e deprime.

Diversos relatorios.

Como de costume por esta época teem-nos enviado os seus relatorios e contas, entre outras instituições já referidas, as seguintes:

Banco Luzitano — Relatorio, contas e parecer do conselho fiscal — 1900;